

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (AA) EDUARDO ALVES PEREIRA / C-Sup 2024

**GUERRAS HÍBRIDAS – DOUTRINAS NA MARINHA DO  
BRASIL**

Rio de Janeiro  
2024

CC (AA) EDUARDO ALVES PEREIRA / C-Sup 2024

## **GUERRAS HÍBRIDAS – DOUTRINAS NA MARINHA DO BRASIL**

Monografia apresentada à Escola de  
Guerra Naval, como requisito parcial para  
a conclusão do Curso Superior.  
Orientador: CC Roberto Pimenta

Rio de Janeiro  
2024

## **DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR**

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

Assinatura digital

## DEDICATÓRIA

A Deus.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha dedicada esposa Mônica e ao meu precioso filho Eduardo Joaquim. Meus basilares.

Aos meus Chefes Navais pelas preciosas orientações.

À equipe de Metodologia do Trabalho acadêmico, minha profunda admiração.

Aos camaradas Oficiais, Praças e Civis que, nesta longa singradura, fizeram parte da minha história na MB.

Qualquer um pode tomar o leme  
quando o mar está calmo.

Públio Siro

## RESUMO

A Guerra Híbrida e suas ameaças remontam a antiguidade, principalmente quando se foi tomado seu significado como estratégias de dissimulações. Por exemplo, de certa maneira os gregos chegaram a utilizá-la ao presentearam os troianos com um cavalo de madeira. Embora a tática do “Cavalo de Troia” não envolva as facetas modernas da Guerra Híbrida, ela compartilha princípios fundamentais. No mundo contemporâneo, regido já pela Internet e suas inéditas ferramentas, como as redes sociais, deparamos com movimentos sociais com a intenção de efetuar derrubada de governos e que atingiram países do Oriente Médio, Europa e América Latina. A influência de Organizações e formadores de opinião transformam o mundo, agora multipolar, num contexto no qual as ameaças híbridas mascaram as verdadeiras intenções de grupos nacionais e transnacionais, dessa forma descortina-se um novo modelo de guerra indireta: as guerras não convencionais. Serão abordados alguns conflitos nos quais houve utilização de Guerras Híbridas, além da definição e exemplificação de algumas Ameaças Híbridas. Assim, o propósito desta pesquisa é demonstrar se a presente doutrina da Marinha do Brasil está relacionada com o que se constata na Geopolítica atual por meio de comparações, relacionando-as a ameaças híbridas sobre a Amazônia Azul. Para atingir o objetivo, foram realizadas análises de documentos normativos da Marinha do Brasil, trabalhos da Escola de Guerra Naval e pesquisa bibliográfica. Foram realizadas análises de documentos normativos da Marinha do Brasil e seus relacionamentos. O estudo selecionou dentre os assuntos de interesse a Amazônia Azul, sua importância da MB e os impactos que as ameaças híbridas podem trazer a ela. Ao final, concluiu-se que o objetivo deste trabalho foi alcançado ao fazer o leitor refletir a respeito das ameaças híbridas, assim como provocar a necessidade de estudo aprofundado sobre os impactos nos conflitos de interesse.

**Palavras-chave:** Ameaças Híbridas. Guerra Híbrida. Movimentos Sociais. Geopolítica. Desinformação. Guerras não convencionais. Conflitos de Interesse. Multipolaridade.

## **ABSTRACT**

Hybrid Warfare and its threats date back to antiquity, particularly when its meaning was understood as strategies of deception. For example, the Greeks employed it in a certain way when they gifted the Trojans a wooden horse. Although the “Trojan Horse” tactic does not involve the modern aspects of Hybrid Warfare, it shares fundamental principles. In the contemporary world, shaped by the Internet and its unprecedented tools, such as social media, we encounter social movements aimed at overthrowing governments, which have impacted countries in the Middle East, Europe, and Latin America. The influence of organizations and opinion leaders has transformed the world, now multipolar, into a context where hybrid threats mask the true intentions of national and transnational groups. Thus, a new model of indirect warfare emerges: unconventional wars. Several conflicts where Hybrid Warfare has been employed will be examined, as well as the definition and exemplification of some Hybrid Threats. Therefore, the purpose of this research is to demonstrate whether the current doctrine of the Brazilian Navy aligns with the geopolitical realities of today through comparisons, relating them to hybrid threats concerning the Blue Amazon. To achieve this goal, analyses were conducted on normative documents from the Brazilian Navy, studies from the Naval War College, and bibliographic research. The analysis focused on the Brazilian Navy’s normative documents and their interrelations. The study selected key topics of interest and importance for the Brazilian Navy (MB) and the impacts that hybrid threats may bring to them. In conclusion, the study succeeded in making the reader reflect on hybrid threats and the need for further research on their impacts on conflicts of interest.

**Keywords:** Hybrid Warfare. Hybrid Threats. Social Movements. Geopolitics. Unconventional Wars. Conflicts of Interest. Multipolarity.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AJB	-	Águas Jurisdicionais Brasileiras
CENSIPAM	-	Centro Gestor e Operacional do Sistema de Proteção da Amazônia
CNN	-	Cable News Network
C5IVR	-	Comando, Controle, Comunicações, Computação, Cibernético, Inteligência, Vigilância e Reconhecimento
EB	-	Exército Brasileiro
EDM	-	Estratégia de Defesa Marítima
END	-	Estratégia Nacional de Defesa
ETR	-	Elementos de terras-raras
EUA	-	Estados Unidos da América
FAB	-	Força Aérea Brasileira
IBAMA	-	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
LCF	-	Linhas de comunicação fluvial
LRIT	-	Acompanhamento de Navios a Longa Distância
MB	-	Marinha do Brasil
MD	-	Ministério da Defesa
OBE	-	Objetivos Estratégicos
ONU	-	Organização das Nações Unidas
OTAN	-	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PCF	-	Plano de Configuração da Força
PDN	-	Política Nacional de Defesa
PREPS	-	Programa Nacional de Rastreamento de Embarcações
Pesqueiras por Satélite		
SAR	-	Serviço de Busca e Salvamento
SisGAAz	-	Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul
SIMMAP	-	Sistema de Monitoramento Marítimo de Apoio às Atividades de Petróleo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>CONFLITOS MILITARES.....</b>	<b>14</b>
2.1	A GUERRA HÍBRIDA: CONFLITO HAMAS - ISRAEL.....	15
2.2	AMEAÇAS HÍBRIDAS.....	17
2.3	GUERRA NÃO CONVENCIONAL.....	18
2.4	A GUERRA HÍBRIDA NA PALESTINA.....	19
2.5	INTENÇÕES DE POTÊNCIAS EM CONFLITO NO ORIENTE MÉDIO.....	22
2.6	ATAQUES CIBERNÉTICOS.....	23
2.7	LAWFARE.....	24
<b>3</b>	<b>AMEAÇAS HÍBRIDAS NO CONTEXTO DA AMAZÔNIA AZUL.....</b>	<b>25</b>
3.1	A AMAZÔNIA AZUL E SUA IMPORTÂNCIA PARA ESTRATÉGIA DO BRASIL	26
3.2	A MARINHA DO BRASIL E A DEFESA DA AMAZÔNIA AZUL.....	28
3.3	CONSOLIDANDO AS INFORMAÇÕES.....	29
<b>4</b>	<b>A PROTEÇÃO DA AMAZÔNIA AZUL.....</b>	<b>31</b>
4.1	OBJETIVOS ESTRATÉGICOS.....	31
4.2	OBE PARA AMAZÔNIA AZUL.....	32
4.3	PRIORIDADES ESTRATÉGICAS.....	33
4.4	ANÁLISE DE RISCO.....	34
4.5	A DESINFORMAÇÃO.....	35
4.6	O EMPREGO DO PODER NAVAL.....	36
4.7	FORÇA C5IVR.....	38
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A partir da primeira década do século vigente, crescentes movimentos políticos surgiram no Oriente Médio e depois se espalharam para Europa, Leste Europeu e, por fim atingiram a América Latina. Esses movimentos foram conhecidos como Revoluções Coloridas. Naquele momento, muitos intelectuais se posicionaram a favor desses pretensos movimentos pela liberdade. Curiosamente, o governo norte-americano também compactuava com a harmonia e a surpreendente autenticidade da aglomeração (Korybko, 2018). Esse apoio norte-americano se apoiava em razão da promoção da democracia, enfraquecimento da influência Russa, dentre outros motivos.

É nesse contexto de influência externa que este trabalho se insere, um olhar observador sobre os conceitos de ação e reação de um Estado sobre outro ou de grupos paramilitar com táticas e recursos assimétricos contra exércitos profissionais e principalmente o desenrolar da opinião pública nacional ou internacional e mais do que isso, as consequências políticas e militares.

A invasão da Ucrânia pela Rússia em 2022 apresentou vários elementos de guerra híbrida, combinando operações militares convencionais com táticas não convencionais, incluindo desinformação de narrativas falsas e manipulação midiática, guerra cibernética com ataques a infraestruturas críticas e desinformação digital e operações psicológicas.

De forma semelhante, em 7 de outubro de 2023, o Hamas atacou Israel. Esse fato, aparentemente isolado, prejudicou a estratégia dos Americanos que estavam negociando um pacto entre Árabes e israelitas, com o intuito de assim estabelecer um marco de pacificação entre o mundo árabe e Israel. Os árabes poderiam admitir a existência de Israel em substituição a um acordo de estabilidade com os Estados Unidos. Esse reconhecimento fortaleceria a posição de Israel, ajudando a legitimar sua existência perante outros países muçulmanos. Se esse acordo entre os árabes e o Estado de Israel fosse concretizado, seria um grande revés para as ambições do Irã. O Irã não reconhece Israel, apoia totalmente a causa dos palestinos e a busca da aniquilação de Israel. Além disso, o Irã oferece apoio financeiro, treinamento, armas e equipamentos a vários grupos extremistas muçulmanos, incluindo o Hezbollah, de orientação xiita, e o Hamas, de orientação sunita (Pragana, 2023).

Dessa forma, o apoio indireto do Irã a grupos extremistas que executam suas intenções caracteriza a utilização de elementos de Guerra Híbrida.

Logo, observa-se claramente a utilização, por parte do Irã, do Hamas, uma organização política extranacional, cujo interesse mútuo se converge para expurgar o Estado de Israel. Esse grupo militar palestino, contrária a existência do Estado judaico. A sede desse grupo está na Cidade de Gaza, entretanto com presença na Cisjordânia.

A agressão a Israel resultou imediatamente na interrupção das tratativas entre o Reino da Arábia Saudita e Israel, o que acabou favorecendo os interesses da República Islâmica do Irã. Aos poucos, as peças foram se encaixando. As evidências mostravam que as ações do Hamas beneficiaram seu patrocinador, o Irã, evidenciando seu papel como *proxy*<sup>1</sup> em uma guerra híbrida orquestrada pelos iranianos (Pragana, 2023).

O principal foco nesse ataque é que a opinião pública não condenou o Irã. Todas as ações militares imediatamente foram direcionadas ao território ocupado por palestinos. Algo se repete nas entrelinhas dos conflitos atuais, como o conflito entre a Federação Rússia e o Estado Ucraniano, assim algo que os torna similares: a fluidez de uma guerra híbrida consiste justamente em desencadear algumas operações psicológicas e permitir que os diferentes atores sociais atuem em seu benefício, desenvolvendo naturalmente o que se torna sua principal característica: a estratégia da abordagem indireta.

O conceito de Guerra Híbrida diverge do conceito de Ameaça Híbrida<sup>2</sup>. Guerra Híbrida trata-se do sistemático emprego das ameaças híbridas. Dessa forma conceber as ameaças híbridas, somente, não oferece ao leitor o entendimento para, de forma direta, conceber uma defesa de proteção contra esse sistema complexo que é a Guerra Híbrida.

As ameaças híbridas podem ser diversas e variam amplamente em termos de capacidades, objetivos e métodos. Elas podem incluir estados, grupos não estatais e

---

<sup>1</sup>Proxy refere-se a um ator que age em nome de outro, sem ser diretamente afiliado ou oficialmente reconhecido. Esses proxies são utilizados para conduzir operações que o Estado ou entidade que os patrocina não quer realizar diretamente, seja para evitar retaliações ou para manter a negação plausível.

<sup>2</sup>Ameaça híbrida refere-se a uma estratégia de conflito que combina diferentes métodos de guerra convencionais e não convencionais, além de táticas militares e não militares, para alcançar objetivos políticos, econômicos ou militares. Essas ameaças são caracterizadas pela sua complexidade e pela capacidade de explorar diversas vulnerabilidades de um adversário simultaneamente, tornando-as difíceis de detectar, responder e neutralizar.

indivíduos, cada um utilizando uma combinação de táticas convencionais e não convencionais para alcançar seus objetivos.

Dessa forma, apoiada fortemente nas redes sociais, utilizando efeito psicológico entre os indivíduos e, estabelecendo conceitos que geram a sensação de certeza sobre a percepção dos assuntos, torna-se necessária uma abordagem com base científica de forma a analisar os princípios da Guerra Híbrida.

Foi a concordância de entender que estava falando de Guerra Híbrida a partir desta que é um dos seus principais domínios, que são as redes sociais. Mais uma vez, foi observado que estava produzindo “etnografia da guerra por outros meios” (Leirner, 2020, p. 30).

Dessa vez a observação do combate, suas nuances e seus registros vinham não mais de campos de batalha e sim das redes sociais e suas interações com o indivíduo ou grupos sociais.

Novamente Korybko,(2018), segue o discernimento do Coronel dos *US Marine Corps* em um texto de vanguarda “*Neocortical Warfare*”, de que nos dias atuais, a chave mais crucial para vencer uma guerra é atacar a cognição, realizando operações que buscam influenciar diretamente as reações mentais do público-alvo.

Saindo do contexto do conflito acima, mas ainda voltado para a Guerra Híbrida e suas ameaças, a atenção será direcionada ao contexto geopolítico brasileiro, mais precisamente, a um dos principais focos da Marinha do Brasil (MB): A Amazônia Azul. Essa região materializou e transformou-se na atualidade em um foco de atenção pelo seu potencial tanto econômico como estratégico. A motivação desta pesquisa é apresentar a importância da Amazônia Azul e as suas ameaças no contexto híbrido.

As ambições estratégicas dos países, apresenta-se hoje sob a nova ordem do mundo multipolarizado. Nesse modelo, o estabelecimento de relações entre as Nações existe sob uma égide que eventualmente não está formalizada. Desta forma estabelecer uma ligação entre os interesses de vários países na participação direta e indireta de antigos e novos participantes torna-se bastante complexa. Assim se estabelece que os países industrializados e aqueles em busca da industrialização estarão ávidos para obter alternativas de fonte de energia e recursos naturais. Ademais, para esse intento, essas potências utilizam, caso necessário, da força militar, influências políticas e sociais. Dessa forma pode-se prever inclusive que novas regiões com potencial recurso sejam alvo de disputas nacionais.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho reside em demonstrar se a atual doutrina estratégica da Marinha do Brasil está em conformidade em relação às vulnerabilidades da Amazônia Azul no que diz respeito às Ameaças Híbridas da atual geopolítica. Para isso, o seguinte questionamento passa a orientar esta pesquisa: qual a criticidade dada às Ameaças Híbridas por meio dos documentos doutrinários da Marinha do Brasil com relação à Amazônia Azul?

Com relação ao método de pesquisa, este foi delimitado pelo método dedutivo para buscar, expor e correlacionar os conceitos e definições.

Assim, no capítulo que se segue foi feita uma abordagem com relação a alguns conflitos militares contemporâneos nos quais houve a materialização de ameaças híbridas, assim como serão apresentados alguns conceitos desse tipo de conflito.

No terceiro capítulo, foi apresentada a relação das Ameaças Híbridas no ambiente da Amazônia Azul, assim como alguns elementos de monitoramento.

No quarto capítulo, expôs-se a abordagem documental atual e a criticidade das Ameaças Híbridas quanto a Amazônia Azul.

## **2 CONFLITOS MILITARES**

No presente capítulo apresentar-se-á uma exemplificação de abordagem de guerra híbrida no mundo contemporâneo. Para isso foi tomada como exemplo um conflito recente numa região do globo por ser muito favorável às Guerras Híbridas: o Oriente médio.

Historicamente, existem regiões e áreas nas quais, por inúmeros motivos, dentre eles econômicos, são alvo de estratégias das mais variadas estratégias de disputas por dominação. Essas regiões, segundo Saul Cohen, são regiões estratégicas que por suas características chamou de *shatterbelts*<sup>3</sup>. Ele descreveu essa área como uma vasta região estrategicamente posicionada, composta por uma variedade de Estados, que se encontra no centro das divergências de foco dos países industrializados. Ele identificou essa região como abrangendo a África do sul do Saara, a Ásia Ocidental e o Sudeste Asiático. Devido à sua diversidade, ele

---

<sup>3</sup>*Shatterbelts* é um termo usado em geopolítica para descrever regiões que estão sujeitas a conflitos e tensões devido à sua localização estratégica. A palavra *shatterbelt* vem da ideia de algo que pode "se quebrar" ou "se fragmentar" facilmente sob pressão.

anteviu que essa região teria uma maior tendência a conflitos em comparação com outras partes do mundo (Korybko, 2018).

Alfred Thayer Mahan, pensador geopolítico que norteou a política estadunidense atual, assim como a impactou, e que lançou o livro *The influence of Sea Power Upon History* em 1890, apresentou um conceito dominante que foi o controle estratégico de certas áreas do mar. Essa abordagem ajudou as demais potências marítimas a formularem sua tática global (Korybko, 2018).

De maneira similar e em continuidade ao tratado de Mahan sobre a influência marítima, encontra-se uma obra homóloga em se tratando do poder sobre a terra de Halford Mackinder, que escreveu *The Geographical Pivot of History*. Nesse artigo enfatiza-se o domínio do *heartland*. Área identificada como parte da Rússia e Ásia Central (Korybko, 2018). O foco central é a influência de Mahan sobre Mackinder, que abordam, cada um sob seu ponto de vista, a importância de regiões estratégicas do globo terrestre.

Desse modo, a integração dos conceitos de Mahan e Mackinder com as realidades modernas do Oriente Médio demonstra a manipulação geopolítica do mar e a influência sobre a *heartland* continuam a ser objetivos estratégicos centrais na geopolítica. A guerra híbrida emerge como uma ferramenta crucial nesse contexto, permitindo que Estados e atores não estatais alcancem objetivos estratégicos complexos sem se envolver em guerras convencionais que poderiam desencadear uma escalada global. Através de ameaças híbridas, as potências envolvidas nos conflitos do Oriente Médio buscam controlar ou influenciar áreas críticas, mantendo o equilíbrio de poder tanto nas áreas marítimas de interesse quanto em relação à *heartland*.

## **2.1 Guerra Híbrida: conflito Hamas – Israel**

O ódio secular entre judeus e palestinos é bem conhecido, seja por razões históricas, religiosas ou ideológicas. Dessa forma, buscou-se entender por que um grupo armado como o Hamas enfrentaria em outubro de 2023 um dos exércitos mais preparados do mundo.

Concentrando-se nos acontecimentos desse ataque, mesmo que houvesse razões internas entre os palestinos para motivar a ação, como disputas influência entre facções radicais na localidade, as atividades do Hamas parecem parte de um

plano maior. Não faz sentido que o Hamas atacasse não militares em território judeu apenas para em seguida fugir ou ser massacrado pelas forças israelenses. Assim, seria lógico atrair a retaliação israelense contra Gaza em troca de algumas mortes de civis (Pragana, 2023).

Além disso, é importante considerar o impacto das movimentações diplomáticas no Oriente Médio, como as negociações entre Arábia Saudita e Israel. Esses fatores externos são frequentemente explorados por atores que buscam alterar o equilíbrio de poder na região através de ações indiretas.

Dias antes do ataque, os EUA intermediavam um acordo entre os árabes e judeus, que poderia resultar no reconhecimento de Israel pelos sauditas numa transação de um tratado de defesa com os norte-americanos. Todo este esforço fortaleceria o *status* de Israel, legitimando-o perante outros Estados muçulmanos (Pragana, 2023).

No contexto da Guerra Híbrida, o Hamas pode ser considerado um *proxy*, uma ameaça híbrida, representando grupos ou organizações que agem em nome de um Estado sem uma afiliação formal. Esses *proxies* podem ser milícias, insurgentes, terroristas ou outros agentes não estatais, utilizados para ações que um Estado não pode realizar diretamente, evitando retaliações ou mantendo uma negação plausível.

A agressão do Hamas teve como efeito imediato a interrupção das negociações entre o governo da Arábia e o Estado Judeu, o que beneficiou os interesses iranianos. As ações do Hamas, portanto, parecem estar alinhadas com uma estratégia iraniana, favorecendo o Irã indiretamente (Pragana, 2023).

Em 1989, Willian Lind previu uma característica marcante das guerras de quarta geração é sua natureza predominantemente indireta. Quer seja por meio de conflito não convencional ou estratégias de influência mental, os alvos são impactados de maneira indireta, sem um ataque direto. A guerra de quarta geração é um conflito caracterizado pelo uso de táticas não convencionais e assimétricas, envolvendo diversos atores, como forças irregulares, insurgentes, terroristas e até Estados, utilizando estratégias como guerrilha, guerra psicológica e outras formas de combate não tradicional (Korybko, 2018).

## **2.2 Ameaças Híbridas**

As guerras sempre foram, de certo modo, híbridas, como argumenta Leirner (2021). No entanto, é importante distinguir que a Guerra Híbrida como conceito específico é relativamente recente. O que chamamos de Guerra Híbrida modifica segundo a percepção de cada Estado e não é um conceito inteiramente novo, mas uma adaptação de práticas antigas a novos contextos (Leirner, 2021).

É essencial não misturar os conceitos de Guerra Híbrida e ameaças híbridas, pois eles têm significados diferentes. A Guerra Híbrida é o uso sistemático e coordenado dessas ameaças. Compreender as ameaças híbridas isoladamente não garante uma defesa eficaz contra seu uso sistemático na Guerra Híbrida. Focar apenas nas ameaças pode levar a uma postura reativa e comprometer o ciclo decisório. Entender como essas ameaças são empregadas de forma metodológica ajuda a criar estratégias eficazes para prevenir ou reduzir os impactos das ações de Guerra Híbrida (Pragana, 2023).

A expressão "Guerra Híbrida" geralmente descreve ações agressivas realizadas por um governo, entidade ou coletivo contra outro, governamental ou não, empregando todos os meios à disposição de forma encoberta, indo além do uso de poder militar (Pragana, 2023).

O avanço tecnológico introduziu armas de destruição massiva, como as nucleares, o que incentivou o investimento em tecnologias com menor poder destrutivo, reservando as armas nucleares principalmente para dissuasão. Ademais, o progresso e evolução das comunicações fez com que imagens de conflitos, outrora limitadas ao teatro de operações, agora são exibidos rapidamente para o público em geral, muitas vezes em tempo real (Pragana, 2023).

O primeiro conflito transmitido ao vivo foi a Operação Tempestade no Deserto. Esse conflito foi amplamente coberto por redes de televisão internacionais, especialmente a *Cable News Network* (CNN). Essa cobertura em tempo real marcou uma nova era na mídia e na percepção pública dos conflitos militares, permitindo que espectadores em todo o mundo acompanhassem os eventos à medida que ocorriam (Sodré, 2021).

A exposição do sofrimento no campo de batalha ao público comum pode mobilizar a opinião pública contra os conflitos e seus instigadores. Qualquer líder que optasse por iniciar guerras enfrentaria um elevado custo político, devido ao impacto direto da opinião pública (Pragana, 2023).

O uso de tecnologias de comunicação e mídia em tempo real para influenciar a opinião pública e moldar percepções globais sobre conflitos é uma ameaça híbrida cuja tática é empregada para manipular as narrativas de guerra e criar uma pressão política e social sobre os governantes, influenciando diretamente as decisões estratégicas sem o uso de força militar convencional.

Os autores chineses sugerem que a guerra deve ultrapassar os limites convencionais, mas mantendo racionalidade. Esse rompimento ocorreria através da combinação de diversos recursos estatais, permitindo ações minimizando reações adversas (Pragana, 2023).

Além disso, outros fatores complicam ainda mais a realização de guerras abertas, como a interdependência econômica global, onde um conflito pode afetar negativamente outras economias, o desequilíbrio de poder militar entre Estados e a existência de arsenais atômicos (Pragana, 2023).

A principal vantagem dessa ameaça híbrida é a capacidade de mobilizar a opinião pública global e influenciar as decisões políticas de maneira indireta, sem recorrer à violência direta. Isso permite que os atores envolvidos manipulem percepções e gerem impactos significativos na condução de conflitos, minimizando o custo político e evitando reações armadas imediatas.

### **2.3 Guerra não convencional**

O conflito entre Hamas e Israel é um exemplo de guerra não convencional. De acordo com o Tenente-coronel Brian Petit<sup>4</sup>, A guerra não convencional é marcada por ações que têm como objetivo apoiar movimentos de resistência ou insurgência, com o intuito de pressionar, desestabilizar ou derrubar um governo ou força ocupante. Essas operações utilizam forças secretas, de apoio e de combate irregular em regiões disputadas (Korybko, 2012).

A guerra não convencional é vantajosa para o Hamas em comparação a Israel. Como uma organização militante e insurgente, o Hamas não possui a capacidade militar convencional para enfrentar diretamente as Forças de Defesa de

---

<sup>4</sup>Iniciou sua carreira em 1992 na 25ª Divisão de Infantaria no Quartel Schofield, no Havaí. Em 1996, ele ganhou sua Boina Verde em Fort Bragg, Carolina do Norte e nas duas décadas seguintes comandou unidades de operações especiais nos Bálcãs, Iraque, Afeganistão, Sudeste Asiático, Filipinas, Europa e África. Serviu em mais de 33 países, incluindo mais de cinco anos em zonas de combate ou conflito.

Israel, que são uma das forças armadas mais poderosas e tecnologicamente avançadas do mundo.

Esta combinação de ações dissimuladas, nas quais há utilização de forças externas que utilizam desinformações e táticas não convencionais para atingir objetivos de instabilização social caracterizam uma nova forma de combate.

Conseqüentemente, a guerra não convencional tem se tornado uma ferramenta estratégica crucial, especialmente para atores estatais e não estatais que enfrentam oponentes militarmente superiores. Países e grupos que não podem competir diretamente com as grandes potências utilizam essas táticas para expandir sua influência, minar a autoridade de seus adversários, e alcançar objetivos políticos sem desencadear uma guerra convencional de grande escala.

Assim, a face do combate adquiriu desconcertantes expressões. Houve uma alteração expressiva dos enfrentamentos bélicos (Fernandes, 2016).

## **2.4 A Guerra Híbrida na Palestina**

Vários elementos da Guerra Híbrida podem ser observados na Ásia Ocidental, especialmente na Palestina. A localidade possui características de "Shatterbelt", uma área geoestratégica com complexidade étnica e cultural, conflitos internos e externos, instabilidade política e localização estratégica, favorecendo disputas de interesses variados (Cohen, 2015).

O Irã, como república islâmica, baseia suas leis e seu governo nos ensinamentos do Alcorão<sup>5</sup>, com seus três poderes sendo supervisionados por líderes religiosos. Essa república foi estabelecida após a Insurreição Islâmica de 1979, comandada pelo Aiatolá Khomeini, que tinha como objetivo a destruição de Israel (Pragana, 2023).

Essa combinação sem sintonia entre os países gera um ambiente propício para conflitos não diretos, com a finalidade de não influenciar que potências econômicas concretizem ações financeiras como forma de retaliação.

---

<sup>5</sup> O Alcorão é o texto sagrado do Islã, considerado pelos muçulmanos como a palavra de Deus revelada ao profeta Maomé (Muhammad) por meio do anjo Gabriel (Jibril) ao longo de aproximadamente 23 anos, começando em 610 d.C.

A Arábia Saudita, berço do profeta Maomé e sede dos locais mais sagrados do Islã, é uma monarquia absolutista com leis baseadas na sharia<sup>6</sup>. Fundada em 1932, estabeleceu laços com os norte-americanos por interesses financeiros e estratégicos. Por outro lado, desde a criação de Israel como país em 1948, todos os Estados Islâmicos, até mesmo o Irã e a Arábia Saudita, apoiaram os palestinos, enquanto os EUA se alinharam a Israel, gerando guerras e tensões constantes (Pragana, 2023).

O Irã, por si só, não tem poder militar para enfrentar diretamente Israel ou os EUA. Portanto, utiliza estratégias indiretas, como a Defesa em Mosaico<sup>7</sup>, que inclui meios não convencionais com dimensões política e defensiva.

O Irã usa o *proxy* (guerra por procuração) para atingir seus objetivos, empregando terceiros para lutar em seu lugar. Essa estratégia dificulta atribuir a culpa ao patrocinador e terceiriza as perdas. O Irã apoia grupos como o Hezbollah, fundado em 1982, que realiza operações no Líbano como partido político, força militar paralela e entidade de assistência social. Da mesma forma, outro ator não estatal que atua em guerra de procuração é o grupo Hamas, facção paramilitar palestino que realiza ações terroristas contra Israel. Na mesma região, a Jihad Islâmica atua de forma semelhante (Pragana, 2023).

Os Houthis, grupo paramilitar no Iêmen apoiado pelo Irã, tomaram a capital Sana em 2014 e resistiram a uma aliança liderada pelo governo Árabe. Administram uma vasta área situada no setor do norte do Iêmen. No dia 18 de outubro de 2023, os Houthis realizaram um ataque com veículos aéreos não tripulados e projéteis contra Israel, mas a Marinha dos EUA conseguiu interceptá-lo no Mar Vermelho (Pragana, 2023).

Observa-se a grande incidência, no contexto dos conflitos no Oriente Médio e da guerra híbrida, de atores não estatais, que se traduz em grupos ou entidades que não são formalmente parte de um governo ou Estado, mas que exercem influência significativa nas dinâmicas de poder da região.

---

<sup>6</sup> A palavra "Sharia" significa literalmente "caminho" ou "caminho para a fonte", e refere-se ao caminho que os muçulmanos devem viver de acordo com a vontade de Deus.

<sup>7</sup> É uma abordagem de segurança que utiliza múltiplas camadas ou elementos diversificados, aplicados em áreas como defesa militar, cibersegurança e proteção ambiental. Essa estratégia visa criar um sistema de proteção robusto e difícil de ser violado, no lugar de confiar em uma única barreira defensiva.

Os Acordos de Abraão<sup>8</sup>, assinados em 2020, normalizaram as relações diplomáticas entre Israel e vários países árabes, com mediação dos EUA, marcando uma mudança significativa na dinâmica política do Oriente Médio. Caso os EUA conseguissem negociar um tratado de não agressão entre o Estado Árabe e o governo de Israel, em troca de compromissos de segurança, isso representaria um desafio significativo aos interesses do Irã.

Destaca-se que o ambiente propiciado pelos EUA confrontaria com os anseios do Irã, destarte não fosse interesse do Irã declarar um posicionamento beligerante contra o gigante norte-americano, ele decidiu utilizar estratégias para combater o desejo americano.

O Irã, portanto, poderia buscar agir de forma indireta, como no ataque do Hamas, que não foi uma ação isolada, mas parte de uma estratégia maior (Pragana, 2023; Zeidan, 2024).

Em contrapartida a este momento de crescente aproximação diplomática entre Israel e várias nações árabes, ocorre o ataque do Hamas.

O confronto surpresa empreendido pelo grupo Hamas contra Israel interrompeu o processo de paz, esta solução de continuidade do processo de paz era desejável ao Irã, e colocou a Arábia Saudita em um dilema: apoiar os palestinos ou condenar o ataque do Hamas, afetando sua busca por liderança regional (Pragana, 2023).

Outra implicação é a necessidade de incorporar o que pode ser a mais significativa mudança no caráter do conflito moderno, a exploração da mídia moderna para alcançar grandes massas e mobilizá-los para suportar uma causa (Hoffman, 2007, p 51).

As medidas militares tomadas por Israel foram alvos de ataques híbridos, incluindo campanhas intensas nas redes sociais. Essas campanhas foram caracterizadas por desinformação, manipulação de narrativas, e tentativas de influenciar a opinião pública internacional contra as ações militares israelenses.

Esse uso das redes sociais pode servir para divulgar suas motivações, recrutar combatentes e atrair a simpatia pública, especialmente destacando questões humanitárias envolvidas. Quando Israel interrompe os serviços de

---

<sup>8</sup> Refere-se a uma série de tratados de estabilização das relações diplomáticas entre o Estado judeu e vários países islâmicos, mediados pelos norte-americanos. Esses acordos foram assinados inicialmente em 2020 e marcam um momento significativo nos laços entre Israel e o mundo árabe.

comunicação em Gaza, tenta neutralizar essa vantagem que o Hamas poderia explorar.

## **2.5 Intenções de potências em conflito no Oriente Médio**

No cenário político, o Irã desafia Israel e os EUA de forma velada, promovendo seus objetivos políticos como a destruição de Israel e o enfraquecimento dos EUA. Essa situação também beneficia demais protagonistas no cenário internacional, como a Rússia e a China (Pragana, 2023). Pode-se, desta forma, entender o caótico ambiente no qual se encontra o Oriente Médio. Intensamente permeado por interesses de potências estrangeiras.

A Federação Rússia defende um planeta multicêntrico, onde os governos possam negociar sem o domínio de uma única potência. Toda atividade que debilite os norte-americanos, que mantiveram uma posição unipolar entre 2003 e 2011, é vista como positiva para esse objetivo. Ademais, influência dos norte-americanos no Oriente Médio desvia suas energias bélicas da Ucrânia, consumindo recursos que poderiam ser usados em outros conflitos (Pragana, 2023).

Vladimir Putin, ao apoiar publicamente os palestinos e incentivar outros países muçulmanos a fazerem o mesmo, busca enfraquecer os EUA por meio de Israel. Ele não está necessariamente preocupado com o povo palestino, mas sim usando a causa palestina como meio para atingir seus objetivos (Pragana, 2023).

A Federação Russa tem se empenhado em diminuir a influência dos EUA no Oriente Médio com ações estratégicas, como intervenção militar na Síria, colaboração a administração de Bashar al-Assad, e fortalecimento de alianças com o Irã e a Turquia. Moscou também promove a diplomacia energética e expande a venda de armas na região. Além disso, a Rússia se posiciona como mediadora de conflitos e utiliza propaganda para moldar narrativas favoráveis. Essas ações refletem uma estratégia para aumentar sua influência e reduzir a predominância dos EUA no Oriente Médio (Pragana, 2023).

Por outro lado, a China também aproveita o engajamento dos norte-americanos no conflito entre o Estado de Israel e o Estado da Palestina. O enfraquecimento de Israel poderia mudar o equilíbrio de poder, beneficiando os aliados da China e diminuindo a influência americana na região. Isso abriria oportunidades econômicas e políticas para a China (Pragana, 2023). Tanto a Rússia

quanto a China, desejam o enfraquecimento Norte-Americano, seja na sua influência política e militar quanto no seu enfraquecimento econômico.

Diplomaticamente, a China tem aumentado sua influência, especialmente após mediar a reaproximação entre os árabes e os iranianos em março de 2023, e apoiar o desenvolvimento do programa nuclear iraniano. Isso demonstra um aumento da influência chinesa na região e uma perda de espaço para os EUA (Pragana, 2023).

Assim, as divisões internas, incluindo religião, etnias e diferenças entre secularistas e fundamentalistas, dificultam a integração regional, da mesma forma, algumas potências podem ter interesse em manter a região fragmentada para obter vantagens, como exploração de recursos como petróleo e gás. Então, as contendas de influência por atores estatais de fora da região podem explorar essas diferenças, utilizando uma forma híbrida de obter e consolidar poder.

## 2.6 Ataques Cibernéticos

De modo semelhante a toda tecnologia da informação, os avanços no ambiente da Internet e da área de comunicação de dados evoluem, e eles se mostram campo propício para ações de ataques cibernéticos. A busca por vulnerabilidades em Sistemas interligados à Internet, propicia ambiente fértil para as Ameaças Híbridas

No domínio cibernético, o Irã já foi tanto vítima quanto autor de ações cibernéticas. Um exemplo notável é o ataque Stuxnet em 2010, que usou um *malware*<sup>9</sup> sofisticado para danificar fisicamente centrífugas nucleares na instalação de Natanz, no Irã. Esse ataque, considerado um marco na história da segurança cibernética, demonstrou o potencial dos ciberataques para causar danos físicos em infraestruturas críticas (Pragana, 2023).

O ataque Stuxnet teve consequências significativas nas relações diplomáticas do Irã, exacerbando tensões geopolíticas e influenciando negociações nucleares. O incidente destacou a crescente importância do ciberespaço como um domínio de conflito e a necessidade (Pragana, 2023).

---

<sup>9</sup> *Malware* é uma expressão abreviada para “*malicious software*”, que se refere a qualquer tipo de programa ou código projetado para causar danos a um sistema de computador, roubar informações, interromper operações ou permitir acesso não autorizado.

Observa-se que esse tipo de ataque é difícil detecção de autoria. Um ataque cibernético pode ter como origem uma infraestrutura de computadores localizada em quaisquer lugares do mundo, e pode estar principalmente em países que possuem uma legislação menos rígida quanto à responsabilidade de endereços computadorizados.

A Internet também disponibilizou novos meios de acesso direto à informação, que é absorvida sem que se saiba de sua veracidade e fonte, permitindo-se, em diversas situações, demasiada credibilidade a informações falsas, conhecidas por *fake news*<sup>10</sup> (Brasil, 2018a).

Com relação à definição de espalhamento de notícias sem a autenticidade, pode-se verificar que na atualidade já faz parte do contexto social. Resta, a análise para verificar o impacto sobre a sociedade e sobre os interesses nacionais (Pragana, 2023).

Portanto, observa-se que a estratégia da disseminação de *fake news* se traduz em estimular a desinformação, buscando dessa forma produzir posicionamento da sociedade com relação a assuntos sensíveis, que em determinadas instâncias podem promover até mudanças de governos.

## 2.7 Lawfare

*Lawfare* é a prática de manipular leis e distorcer processos legais para prejudicar um adversário. O termo resulta da combinação das palavras inglesas *law* (lei) e *warfare* (guerra), indicando manobras legislativas como uma ferramenta de guerra para atingir objetivos políticos ou econômicos (CPEM2021).

O Conselho de Segurança das Organizações das Nações Unidas (ONU) é responsável por autorizar o uso da força em nome da paz internacional. Com cinco componentes inalteráveis com capacidade de vetar as decisões do Conselho, assim, geralmente as tomadas de decisão refletem os interesses desses seletos membros. Assim, basta que um membro vete uma resolução para impedir qualquer ação da ONU (Pragana, 2023).

---

<sup>10</sup> *Fake News* refere-se a informações falsas ou enganosas exibidas como informações verdadeiras. Estas notícias são criadas deliberadamente para enganar ou manipular o público, muitas vezes com o objetivo de influenciar opiniões, disseminar desinformação, ou promover agendas políticas ou comerciais. As *fakes news* podem ser distribuídas por meio de diversos canais, incluindo mídias sociais, sites de notícias, e-mails e em veículos de comunicação tradicionais.

Os atores inalteráveis do Conselho de Segurança da ONU estão subdivididos em dois grupos antagônicos por questões filosóficas. De um lado os Estados Unidos, França e Reino Unido) e do outro lado (China e Rússia).

Durante as votações desse Conselho de Segurança, somente a unanimidade da decisão dos membros permanentes permitem que uma decisão seja levada a diante, deixando os outros países sujeitos aos interesses dos membros votantes (Pragana, 2023).

Dessa forma, no contexto de ameaças híbridas, o *lawfare* tem o potencial de ser empregada para desgastar ou enfraquecer um adversário, utilizando o sistema legal e as normas jurídicas de maneira manipulativa.

Após estruturar as definições de alguns elementos referentes à Guerra Híbrida, no próximo capítulo dará uma visão de ameaças ambientadas na Amazônia Azul.

### **3. AMEAÇAS HÍBRIDAS NO CONTEXTO DA AMAZÔNIA AZUL**

Em setembro de 2019, foram observadas pelos moradores do litoral do nordeste brasileiro manchas de óleo cru nas areias das praias. Rapidamente foi criada uma força-tarefa conjunta da MB com o Exército do Brasil, e a Aeronáutica, órgãos civis e voluntários com o propósito de efetuar a limpeza, reduzindo assim o impacto ambiental. Assim, foram estabelecidos estudos para encontrar a origem daquele óleo. Embora inúmeras razões possam originar poluição no mar ou na atmosfera, a grande questão na época poderia gerar o levantamento da seguinte tese: uma ação deliberada pode trazer questionamentos internacionais sobre a capacidade de um Estado gerir sua riqueza, quando uma inépcia pode interferir no ambiente global (Planço, Leandro, 2020.)

Devido a essa questão, neste capítulo introduzir-se-á o leitor a partir de agora a refletir sobre o tratamento doutrinário de segurança de ameaças híbridas sobre a Amazônia Azul. Além disso, será mostrada a vontade a MB para reagir frente a eventuais indícios de ameaças híbridas. Algumas características destes evento colocam o incidente dentro do espectro das guerras híbridas, no qual métodos não tradicionais e de difícil atribuição são utilizados para alcançar objetivos estratégicos.

No esforço para conter os danos ambientais, a MB lançou a operação “Amazônia Azul – Mar Limpo é Vida”. No decorrer dessa manobra, foram enviadas

forças navais para a região Nordeste, incluindo navios com capacidade de desembarcar fuzileiros navais em terra, proporcionando assim maior flexibilidade nas ações. (BRASIL, 2020b). Assim, a MB deu uma resposta tanto em benefício do meio ambiente quanto para a sociedade civil.

Além disso, a Diretoria-Geral de Desenvolvimento Nuclear e Tecnológico da Marinha coordenou a criação de um comitê técnico colaborativo para tratar de poluição por óleo. Esse comitê foi essencial para trazer clareza ao problema, promovendo a integração de informações de pesquisadores independentes e reforçando a cooperação entre a Defesa e a Academia. Esse esforço conjunto não só ajudou a investigar a situação com mais transparência, mas também buscou uma abordagem técnica e imparcial para lidar com a crise (Company, 2021; Garriga, 2021).

Por conseguinte, se o derramamento de óleo foi intencional e realizado por um ator (seja estatal ou não estatal) com o objetivo de desestabilizar o Brasil, deslegitimar o governo ou enfraquecer sua posição internacional, isso se encaixaria no escopo de uma ameaça híbrida. Nesse caso, o evento seria uma ação planejada para criar confusão, sobrecarregar as capacidades de resposta do governo e gerar um impacto negativo tanto nacional quanto internacionalmente.

### **3.1 A Amazônia Azul e sua importância para estratégia do Brasil**

Uma *commodity*<sup>11</sup> metálica pouco difundida, mas presente na totalidade dos dispositivos eletrônicos utilizados no dia a dia em equipamento de transmissão de dados de alta tecnologia, vem ganhando o centro das atenções na última década: os Elementos de Terras Raras<sup>12</sup> (ETR) (Oliveira, 2024).

Assim, além dos ETR, a Amazônia Azul possui petróleo, gás, dentre outras possibilidades econômicas. Dessa forma pode-se alertar que, essa ampla região possui uma grande importância no complexo contexto de energia e fonte de recursos minerais. Pode-se alertar que, com a evolução dos conflitos no Oriente Médio e o posicionamento da Rússia em relação à Organização do Tratado do

---

<sup>11</sup> Produto em estado natural ou produto básico de grande relevância no comércio internacional, como café, cereais, algodão etc., cujo valor é controlado por bolsas internacionais.

<sup>12</sup> São um grupo de elementos químicos da tabela periódica que são encontrados em pequenas quantidades na crosta terrestre, mas são vitais para muitas tecnologias modernas. Esses elementos incluem os 15 lantanídeos (do lantânio ao lutécio), além do escândio e do ítrio, que são quimicamente semelhantes aos lantanídeos e, portanto, geralmente classificados juntos com eles.

Atlântico Norte (OTAN), muitos países buscarão alternativas para matriz energética. Dessa forma, os avanços tecnológicos no setor energético podem, num futuro não muito distante, substituir completamente o petróleo por outra fonte de energia. Até lá, a busca por regiões com disponibilidade de petróleo e gás natural, de forma inevitável, será o estopim de conflitos e guerras.

A missão da Marinha do Brasil é contribuir para a defesa do país, assegurar os poderes constitucionais e, quando solicitado por qualquer um desses poderes, manter a lei e a ordem. Leis Complementares definiram as responsabilidades adicionais da Marinha. Dentro desse contexto, a proteção da Amazônia Azul é parte fundamental de sua missão constitucional e de suas funções complementares (Brasil, 2017).

A Política Nacional de Defesa (PND) identifica o sul do Oceano Atlântico, assim como a Amazônia brasileira e as regiões onde se convergem as tomadas de decisões estratégicas nos aspectos políticos e econômicos, como áreas de prioridade para a Defesa. Ela enfatiza que a Amazônia Azul, é uma área de grande importância devido às suas riquezas, exigindo um esforço significativo de vigilância para garantir medidas eficazes de proteção e defesa.

A Amazônia Azul deve ser vista sob quatro perspectivas principais: a econômica, que se concentra na exploração e no uso sustentável de seus recursos; a ambiental, que enfatiza o uso seguro do mar e a proteção da ecologia; a metodologia científica, que envolve o aprofundamento do entendimento sobre a região; e a de soberania, focada nas questões de segurança e defesa (Brasil, 2017).

Para todas as quatro vertentes, encontram-se possibilidades de serem alvos de ameaças híbridas. Para isso, pode-se enumerar (MARINHA DO BRASIL, 2024).

a) Ameaça Econômica: a exploração ilegal de petróleo e gás, além da pesca ilícita, encoberta e sem regulamentação, pode impactar significativamente a economia ao roubar recursos que pertencem ao Brasil, além de desestabilizar os mercados locais.

b) Ameaça Científica: atividades de espionagem que visam obter informações sobre pesquisas científicas e desenvolvimentos tecnológicos realizados na região, especialmente relacionadas a recursos marinhos e ambientais, podem comprometer avanços tecnológicos e a soberania científica do país.

c) Ameaça da Soberania: campanhas de desinformação conduzidas por agentes estrangeiros ou por meio de redes sociais podem influenciar a opinião pública e minar a legitimidade das ações do Brasil para proteger sua soberania sobre a Amazônia Azul.

d) Ameaça de Segurança e Defesa: ameaças de ataques cibernéticos a infraestruturas críticas, como instalações militares, plataformas de petróleo e sistemas de navegação, podem comprometer a segurança nacional.

Por conseguinte, essas ameaça híbridas, requerem estratégias avançadas e integradas e exigem atenção especial por parte de vários órgãos governamentais. Além disso, torna-se necessária a implementação de medidas multidisciplinares de forma a mitigar os riscos associados às ameaças híbridas, fortalecendo a resiliência do país em múltiplos domínios e garantindo uma resposta eficaz a desafios complexos e multifacetados.

### **3.2 A Marinha do Brasil e a defesa da Amazônia Azul**

A Estratégia Nacional de Defesa (END) estabeleceu que o controle das áreas marítimas, o impedimento do uso do mar por forças adversárias e a projeção do Poder Naval terão como foco: reforçar a segurança e a defesa de plataformas petrolíferas, instalações navais e portuárias, além de arquipélagos e ilhas oceânicas nas Águas Jurisdicionais Brasileiras (AJB); reagir rapidamente seja qual for o perigo, seja de Estados ou de forças não convencionais e criminosas, que afete as rotas de comércio marítimo; e aumentar a participação em missões de paz (Brasil, 2017).

Em suma, observa-se por parte da doutrina da END uma preocupação holística no que concerne aos aspectos de defesa incluindo abordagem contrária às forças inimigas não convencionais. Contudo, devido a sua grande dimensão e seu potencial de riqueza, a Amazônia Azul necessita de um tratamento diferenciado, pois sua intrínseca riqueza já é alvo de ambição por outras nações.

No que diz respeito ao preparo e à atuação na Defesa, é importante destacar que a Marinha do Brasil (MB) se prepara para conduzir uma variedade de operações e ações de guerra naval, visando apoiar as decisões políticas e se antecipar a possíveis situações de interesse estratégico para a defesa nacional. Nesse contexto, a MB dedica esforços significativos ao monitoramento contínuo e à segurança da Amazônia Azul, especialmente levando em conta a possibilidade de enfrentamento

militar no Atlântico Sul. Além disso, a MB realiza atividades hidroceanográficas para compreender os aspectos ecológicos que possam influenciar as operações para as quais o Poder Naval está preparado (Brasil, 2017).

A Segurança Marítima tem sido uma prioridade da MB mesmo em tempos de paz, e está ligada às suas funções auxiliares. Assim, a partir de 2001, criou-se a definição de “novas ameaças”, que se tornou uma grande inquietação da sociedade mundial. Esse conceito abrange o combate a questões como terrorismo, narcotráfico, tráfico ilícito de armas, contrabando, tráfico de pessoas e até a antiga prática da pirataria.

De acordo com o Posicionamento da Marinha do Brasil nos Principais Assuntos de Interesse Naval (Brasil, 2017), de tal forma que as nações sejam capazes de enfrentar as "novas ameaças" e a pirataria, é essencial que se organizem de forma normatizada. Isso inclui a criação de um sistema robusto de gerenciamento e acompanhamento, apoiado por parcerias estratégicas, dividindo os dados e desenvolvendo parcerias com outras organizações e outras Marinhas.

Estabelecido como consenso para a geração atual assim como para as futuras, o importantíssimo valor da Amazônia Azul para o mundo, foi criado o Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul (SisGAAz), que tem como finalidade monitorar e controlar de maneira integrada a área marítima sob responsabilidade do Brasil, bem como outras regiões estratégicas no Atlântico Sul (VILELA, 2020).

O SisGAAz visa fortalecer a mobilidade estratégica do país, garantindo uma resposta rápida a qualquer ameaça, agressão ou atividade ilegal, alinhando-se às prioridades estabelecidas na END.

### **3.3 Consolidando as informações**

A END coloca a Amazônia Azul como uma prioridade estratégica essencial para o país. Esse vasto espaço marítimo, rico em recursos naturais e biodiversidade, é crucial não apenas para a economia brasileira, mas também para a sua segurança e soberania. A END enfatiza a necessidade de proteger e monitorar essa área, considerando os potenciais ameaças, tanto convencionais quanto híbridas, que podem comprometer a segurança nacional (PND).

Para isso, a MB desempenha um papel fundamental, utilizando tecnologias avançadas como o SisGAAz para garantir a vigilância e a proteção contínua das

AJB. Essa estratégia reflete a importância de um controle efetivo sobre o Atlântico Sul, assegurando que o Brasil possa explorar de maneira sustentável seus recursos marítimos, enquanto preserva a integridade ambiental e defende seus interesses nacionais.

O SisGAAz conecta uma variedade de tecnologias e sistemas de rastreamento, como o Sistema de Identificação e Acompanhamento de Navios a Longa Distância (LRIT) e o PREPS, para garantir a segurança das AJB. Essas tecnologias permitem a detecção precoce de atividades suspeitas e ajudam a coordenar respostas rápidas a incidentes, como vazamentos de óleo ou outras emergências marítimas. Além disso, o SisGAAz desempenha um papel crucial na defesa contra ameaças híbridas, que podem incluir ataques cibernéticos ou atos de sabotagem (MARINHA DO BRASIL, 2024).

Com o relacionamento com outros setores estatais, o SisGAAz facilita o compartilhamento de informações e a execução de ações coordenadas para proteger o patrimônio nacional. Dessa maneira, o sistema não apenas contribui para a segurança marítima, mas também para a preservação dos recursos naturais e a defesa da soberania da AJB (MARINHA DO BRASIL, 2024).

Tanto o monitoramento eficaz e ininterrupto quanto a integração com outros órgãos e agências, promovem no nível tático a proteção da Amazônia Azul, prevenindo que ações predatórias ou terroristas intencionem não só atentar quanto os recursos quanto promover posicionamento da sociedade quanto a responsabilidade governamental naquela região.

Portanto, para garantir a proteção da Amazônia Azul contra ameaças híbridas, é essencial implementar medidas que abordem as vulnerabilidades específicas dessa vasta região marítima. Fortalecer a cibersegurança e proteger infraestruturas críticas, como plataformas de petróleo e gasodutos submarinos, são passos fundamentais para resguardar os recursos estratégicos da área. Além disso, a criação de centros de inteligência integrados, que possam monitorar atividades suspeitas e responder rapidamente a ameaças, é crucial para manter a soberania e a segurança nacional. A cooperação internacional também desempenha um papel vital, permitindo que o Brasil trabalhe com aliados para proteger suas águas jurisdicionais contra práticas ilegais e interferências externas que possam comprometer a estabilidade e a segurança da Amazônia Azul.

No próximo capítulo, aprofundar-se-á nas doutrinas navais quanto aos aspectos de proteção da Amazônia Azul relacionando-os quanto aos aspectos de ameaças híbridas.

#### **4. A PROTEÇÃO DA AMAZÔNIA AZUL**

A Marinha Brasil estabelece por meio do EMA-310 a Estratégia de Defesa Marítima (EDM) na qual define seus objetivos. Este capítulo tem por função relacionar estes objetivos com a Amazônia Azul e as ameaças híbridas. Dessa forma, será feita a abordagem da MB quanto à doutrina de proteção utilizada por essa Força Singular de modo a assegurar de forma permanente a garantia dos interesses da sociedade brasileira assim como a soberania Nacional.

O Conceito Estratégico da EDM surge da combinação de análises estratégicas que consideram tanto os desafios, como ameaças e oportunidades, quanto as necessidades do Poder Naval. Esse conceito facilita a criação de Diretrizes Estratégicas, voltadas para preparar e empregar adequadamente o Poder Naval. Deste modo, é possível definir os recursos fundamentais para alcançar os Objetivos Estratégicos (OBE) e superar os obstáculos reconhecidos. A partir dessas pautas, serão definidos os Objetivos e Diretrizes de Gestão, que guiarão as atividades necessárias para fortalecer a Força (Brasil, 2018b).

Em resumo, essa publicação explica que o conceito da EDM foi desenvolvido utilizando um modelo fundamental para assegurar que a estratégia seja prática e realizável. Esse modelo garante que os objetivos sejam bem definidos, os métodos adequados e os recursos suficientes. Trata-se de um quadro conceitual amplamente utilizado em estratégias militares e de segurança, assim como em outras áreas de planejamento estratégico, ajudando a organizar e alinhar os objetivos, métodos e recursos necessários para alcançar metas estratégicas.

##### **4.1 Objetivos Estratégicos**

Os Objetivos Estratégicos Básicos (OBE) servem como diretrizes amplas para orientar a Marinha do Brasil no cumprimento de sua missão. Esses objetivos foram desenvolvidos a partir de uma consciência detalhada sobre a importância da participação da Marinha para a sociedade brasileira. Eles são resultados de uma

análise detalhada de documentos estratégicos de alto nível político. essa forma, os Objetivos Estratégicos Básicos (OBE) guiam as ações e responsabilidades da Marinha, e, em última análise, fundamentam a existência e a missão da Instituição (Brasil, 2018b).

Para escopo deste trabalho, será dada relevância para os OBE relacionados com a Amazônia Azul, relacionando a um valor específico de sua riqueza ou relacionada a Soberania Nacional.

Para evidenciar a importância que a Marinha do Brasil (MB) atribui à Amazônia Azul, foram estabelecidos dois OBE (Brasil, 2018b):

a) O primeiro OBE busca garantir o domínio e os direitos de jurisdição na Amazônia Azul, abrangendo a proteção dos todos os recursos. Além disso, considera a Amazônia Azul como um patrimônio essencial para a Sociedade Brasileira.

b) O segundo OBE define a responsabilidade da MB em agir de maneira coordenada contra delitos Interterritoriais e ambientais, especialmente na Amazônia Azul, nas Linhas de Comunicação Fluvial (LCF) e em áreas ribeirinhas de interesse. Essa OBE envolve ações de apoio e cooperação com outros órgãos do Poder Executivo, que têm a responsabilidade principal de combater esses delitos, contribuindo assim para a segurança interna.

A MB colabora de forma integrada com outros órgãos governamentais, fortalecendo a defesa interna e garantindo a segurança das infraestruturas críticas e das operações navais na região. Essas ações são essenciais para preservar a integridade e a soberania da Amazônia Azul, reafirmando o compromisso da MB com a proteção desse patrimônio estratégico.

## **4.2 OBE para Amazônia Azul**

A preocupação em definir OBE para a Amazônia Azul, denota a preocupação de estabelecer uma relação entre a possibilidade de Atuação do Poder Naval. Inclusive de seu aprestamento para efetuar o atendimento, o adestramento e gestão da Força Naval.

Desde que examinadas as Possibilidades de Atuação do Poder Naval e levando-se em conta os OBE e o Diagnóstico do Poder Naval (Identificação da situação atual dos principais aspectos que impactam as entregas da MB para a

sociedade, levando-se em conta, entre outros aspectos, à situação dos meios, da manutenção, da capacitação, do adestramento e da gestão da Força Naval), fato esse que inclui a capacidade de Meios, a Prontidão Operacional, a Infraestrutura de apoio. Assim, foi estabelecida uma série de Posturas e Prioridades Estratégicas que têm como objetivo guiar a formulação do Conceito Estratégico ao longo de um ciclo estratégico (Brasil, 2018b).

Dessa forma esse diagnóstico é essencial para identificar pontos fortes e fracos, orientar investimentos governamentais em novos meios e tecnologias, e ajustar a estratégia Naval de acordo com as ameaças e objetivos nacionais. É um processo contínuo que visa assegurar que a força Naval possa cumprir suas missões com eficácia.

Com relação à preocupação da definição de OBE para Amazônia Azul por parte da MB, pode-se dizer que estão alinhados à abordagem de proteção tanto ambiental quanto do posicionamento estratégico. A realização das atividades para cumprir esses objetivos estão a critério do orçamento. Assunto esse que foge do âmbito deste trabalho.

### **4.3 Prioridades estratégicas**

As Prioridades Estratégicas derivam de análises que levam em conta o Diagnóstico do Poder Naval e a Missão da MB. São decisões que consentem direcionar as iniciativas tomadas pela MB na busca de um Poder Naval compatível com os desafios, compatibilizando com o cumprimento da Missão com uma aplicação proficiente de insumos de toda ordem. Por conseguinte, a Força se utiliza de observações e análises geopolíticas, de forma estar sempre em aprimoramento (Brasil, 2018b). Essas escolhas são dinâmicas e atendem a um contexto de urgência e necessidade conjuntural, devendo ser revisadas constantemente (Brasil, 2018b). Dessa forma, a obtenção de informações quanto ao aspecto do que está acontecendo ao redor e sua análise são elementos primordiais para o alinhamento estratégico.

As prioridades estratégicas foram organizadas de acordo com os diferentes campos e ambientes operacionais da MB. Assim como os objetivos estratégico, elas foram numeradas e identificadas por trigramas para garantir a rastreabilidade dentro do conceito estratégico, das Diretrizes de Preparo e Emprego estabelecidas no

Plano de Configuração da Força (PCF) e no Dimensionamento da Força (Brasil, 2018b).

A análise a respeito da importância da Amazônia Azul na balança de prioridades estratégica foi que a preocupação da Administração Naval, de forma atenta e diligente, repousa seu olhar sobre o aspecto informacional, econômico, de soberania e sobre aspectos da guerra híbrida. Por conseguinte, fechou-se todo cerco aos elementos que qualificam a Amazônia Azul como uma área de interesse do Brasil, incluindo os aspectos de segurança marítima.

Assim, foram definidas as prioridades estratégicas para a Defesa Naval, focando em: ampliar a vigilância e o conhecimento sobre a situação marítima e fluvial na Amazônia Azul e nas regiões Amazônica e Bacia do Prata; fortalecer o apoio logístico na Amazônia Azul; e continuar desenvolvendo competências que permitam uma postura de dissuasão na Amazônia Azul e em outras áreas marítimas de interesse (atualmente, isso inclui o Submarino Convencionalmente Armado de Propulsão Nuclear). Além disso, essas prioridades também visam esclarecer o papel da Marinha do Brasil na condução de operações em um contexto de Guerra Híbrida (Brasil, 2018b).

#### **4.4 Análise de Risco**

A EDM foi desenvolvida com base em decisões e prioridades específicas. No entanto, ao fazer essas escolhas, sempre há riscos envolvidos em relação ao que não foi escolhido ou ao que recebeu menor prioridade. Cada risco foi avaliado considerando a possibilidade de um evento impactar a EDM e os possíveis efeitos nos objetivos estratégicos, caso ocorra. Como as prioridades e os riscos estão em constante mudança, é necessário monitoramento contínuo e reavaliações regulares para garantir que a estratégia permaneça eficaz (Brasil, 2018b).

Em que pese, o quadro de descrição e avaliação dos riscos colocar atualmente o Risco a Infraestrutura de apoio para os Meios Navais afetada por ameaças híbridas como BAIXO, este trabalho, após a avaliação da utilização de ameaças híbridas, considera-se que para a nova realidade geopolítica, na qual o conflito permeia todas as atividades de interesse internacional, que uma nova avaliação de risco deve ser feita e que seja aumentada a criticidade para ALTA.

Martin Van Creveld, no seu livro *The Transformation of war* (Creveld,1991), diz-nos que a forma de fazer guerra está sendo alterada, dado que a guerra convencional será substituída com o tempo, pelos Conflitos de Baixa Intensidade e, por isso, toda a estratégia de emprego de forças tem de ser repensada. As guerras de libertação têm evidenciado que o mais fraco pode impor a sua vontade contra o mais forte (Fernandes, 2016).

Assim, cabe agora o repensar sobre as guerras híbridas. Este trabalho defende que esse tipo de conflito e suas ameaças devem ser, de forma ininterruptas, investigadas, sejam no âmbito psicológico, informacionais ou cibernético, que o resultado dessas investigações seja observado de forma pragmática.

#### **4.5 A desinformação**

A globalização desregulada e a transição do sistema internacional, marcada por novos alinhamentos geopolíticos, estão moldando uma nova ordem mundial e gerando crescente instabilidade no cenário de segurança. Isso facilita o surgimento de novas ameaças, que são difusas e transnacionais, interconectadas, de múltiplas naturezas, dinâmicas, híbridas, assimétricas e globais, impactando diretamente a segurança dos Estados (Garcia, 2017).

Essas ameaças híbridas existem em um ambiente no qual o reconhecimento direto não é possível. Além disso, existem numa área cinzenta no qual suas fronteiras não são de fácil identificação. Buscam estar sempre atualizadas quanto os avanços tecnológicos. Utilizam-se de redes sociais como arma de desinformação e de propaganda, de forma contínua manipulam a sociedade com o propósito de destruir não só a sociedade como o governo instituído.

Nas guerras híbridas, um dos propósitos chave é desestabilizar os governos e oponentes e suas instituições, criando o caos e um vácuo de poder (Blum, *et al.*,2015; Fernandes, 2016).

Assim, alerta-se quanto a importância de se estabelecer sensores e ações de resposta quanto a ameaças no âmbito da desinformação. A difícil regulamentação das redes sociais dificulta o estudo quanto a influência, assim como do desdobrar imediato da desinformação sobre a sociedade.

Quando o assunto em tela é a desinformação, essa ameaça se torna tão severa quanto a logística de munição das guerras no passado recente. A MB utiliza a

publicação EMA-335 (Doutrina de Operações de Informação) para definir quão é relevante a percepção: “Nas operações militares, a habilidade de derrotar os adversários pode estar na percepção de quaisquer dos atores envolvidos, em particular, a população local. Assim, é de vital importância que haja uma coordenação da narrativa que será direcionada às diversas audiências, em especial àquelas relacionadas às mídias locais e regionais dentro do Teatro de Operações” (Brasil, 2018a).

Observa-se que nessa doutrina é dada a relevante importância à divulgação das informações. A legitimidade e liberdade da ação está intimamente atrelada no ambiente operacional a opinião pública. Dessa forma, qualquer ato que sugira a opinião global a incapacidade de gestão pode ser indício de uma ameaça. Conforme o EMA-335, “Consequentemente há a necessidade de assumir uma postura proativa a fim de garantir que as ações estejam sendo bem avaliadas e que reflitam a narrativa desejada, ao mesmo tempo em que impeçam as tentativas do oponente de prejudicar o apoio da opinião pública a nossa Força.”

A produção de informações criadas ou *fake news* pode ter intenção de conduzir o público à desinformação e assim ter efeito de influenciar até mesmos posicionamentos diplomáticos com relação a capacidade do Brasil em manter sua soberania na Amazônia Azul.

#### **4.6 O emprego do Poder Naval**

Diante da vasta extensão sob responsabilidade da MB e das atuais capacidades de Inteligência, Vigilância e Reconhecimento (IVR), é imperativo fomentar uma colaboração eficaz com outras forças e entidades governamentais. Na região das bacias hidrográficas Amazônica e Platina, a parceria contínua com o Exército Brasileiro (EB) é crucial para melhorar a vigilância, especialmente nas áreas ribeirinhas de interesse estratégico. No cenário da Amazônia Azul, a parceria com a Força Aérea Brasileira (FAB) deve ser expandida para incluir meios aéreos e espaciais, garantindo uma cobertura de monitoramento mais robusta. A atuação do CENSIPAM é igualmente essencial, utilizando suas capacidades para monitorar e responder a potenciais ameaças híbridas, como atividades cibernéticas hostis e operações clandestinas (Brasil, 2018b).

Portanto, o CENSIPAM é uma peça-chave na prevenção de ameaças híbridas, monitorando constantemente atividades que possam comprometer a segurança nacional. Suas redes de sensores e sistemas de comunicação são fundamentais para a rápida identificação e coordenação de respostas entre as forças de defesa e outras agências governamentais. Além do CENSIPAM, o SisGAAz fornece vigilância contante das águas jurisdicionais brasileira (abrangendo a Amazônia Azul).

O SisGAAz conecta uma miríade de sensores e radares localizados em terra, aeronaves e embarcações, além de câmeras de alta resolução e capacidades como o funcionamento de informações recebidas de sistemas colaborativos. Entre essas conexões, destacam-se o SIMMAP, o LRIT e o PREPS. Todos esses sistemas são baseados em rastreamento de posição por via satélite. Os dados captados de GPS são transmitidos por meio de comunicação satelital para centrais de rastreamento e, no futuro, haverá a incorporação de sensores acústicos aos sites de monitoramento (Garriga, 2022).

Dessa maneira, a MB por meio do SisGAAZ, estabelece relação intrínseca e estratégica sobre a Amazônia Azul. Utilizando equipamentos modernos de monitoramento e estabelecendo conexões com o propósito de monitorar uma grande área em tempo real.

O SisGAAz simplifica o desenrolar das operações e reduz custos, principalmente nas áreas a serem fiscalizadas e patrulhadas, onde envolve o deslocamento de pessoal. O potencial de benefício com sua implementação possibilita que infrações ambientais, como a poluição que afetou o litoral nordestino, sejam minimizadas através de ações rápidas, uso de inteligência e medidas de dissuasão (Carvalho, 2022; Garriga, 2022).

Dessa forma, observa-se a evolução do emprego do poder naval, para atender às complexas tarefas de fiscalização, essa fiscalização se utiliza de uma ampla gama de dados e conhecimentos, e que reunidos e compilados são de responsabilidade da MB perante a sociedade brasileira.

#### **4.7 FORÇA C5IVR<sup>13</sup>**

---

<sup>13</sup>Comando, Controle, Comunicações, Computação, Cibernético, Inteligência, Vigilância e Reconhecimento

A Estratégia de Defesa Marítima (EDM) define as diretrizes estratégicas mais importantes para a Marinha do Brasil. Seu objetivo é alinhar os esforços necessários para garantir que o Poder Naval brasileiro esteja preparado para enfrentar os desafios previstos para os próximos vinte anos, a partir de 2024.

A força C5IVR é um elemento pertencente a Estratégia de Defesa Marítima que mantém relevante no monitoramento e vigilância da Amazônia Azul, assim com outras atividades que, de forma interativa promovem a segurança deste grande espaço no oceano (Brasil, 2018b).

A Estratégia de Defesa Marítima foi desenvolvida com base em decisões e prioridades específicas. No entanto, ao optar por certas direções ou dar menos importância a determinadas áreas, surgem riscos relacionados às escolhas feitas. Cada um desses riscos é avaliado considerando a probabilidade de que um fato possa impactar a EDM e as consequências para os propósitos estratégicos, caso o fato ocorra (Brasil, 2018b).

A interação entre prioridades e riscos é um processo dinâmico, que exige monitoramento constante e reavaliações contínuas à medida que as circunstâncias se desenrolam.

A Estratégia de Defesa Marítima foi elaborada a partir de decisões e prioridades cuidadosamente selecionadas. No entanto, ao optar por determinadas ações ou dar menos importância a outras, assumem-se riscos em relação ao que foi deixado de lado ou considerado menos urgente. Esses riscos são analisados considerando a chance de uma atividade afetar a EDM e as potenciais consequências para os focos prioritários estratégicos, caso se materialize. A relação entre os focos e riscos é fluida, exigindo monitoramento constante e revisões frequentes à medida que as situações evoluem (Brasil, 2018b).

Assim se observa uma preocupação patente em definir prioridades estratégicas as quais tornam-se faróis entre questões orçamentárias e o intenso avanço tecnológico atual, no qual se insere a nova fronteira da inteligência artificial<sup>14</sup>.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

<sup>14</sup>Inteligência Artificial é um ramo da ciência da computação que se dedica ao desenvolvimento de sistemas e tecnologias capazes de realizar tarefas que normalmente requerem inteligência humana. Isso inclui atividades como aprendizado, reconhecimento de padrões, tomada de decisões, resolução de problemas, e até mesmo a compreensão de linguagem natural.

Este trabalho teve como objetivo explorar a tênue linha que reúne ações militares aparentemente desconexas com o propósito de relacioná-las e demonstrar como as ações de países que, com muita frequência dissimulam seus verdadeiros interesses. Para confirmar isso foi dada ênfase em relevância ao instrumento utilizado por esses países: as ameaças híbridas. Também foram trazidos ao contexto a abordagem da Marinha do Brasil (MB) no que concerne aos desafios de proteção às ameaças híbridas no contexto da Amazônia Azul.

Foi evidenciado que as ameaças híbridas, embora tenham raízes antigas, assumem uma nova dimensão no cenário contemporâneo, impulsionadas pela Internet e pelas redes sociais. Exemplos recentes, como a invasão da Rússia pela Ucrânia e o ataque do Hamas a Israel, demonstram como esses conflitos se desdobram e influenciam setores econômicos, militares e políticos em escala global. A MB enfrenta o desafio de manter estruturas eficazes de monitoramento e interpretação de informações em tempo real, essenciais para a segurança nacional.

O estudo também destacou a importância estratégica bem como a relevância emergente da Amazônia Azul no cenário geopolítico. À medida que os conflitos se intensificam e as potências globais buscam novas fontes de recursos, o litoral brasileiro, com sua extensa zona econômica exclusiva, pode se tornar um foco de atenção e disputa.

A análise das ameaças híbridas no contexto da Amazônia Azul revelou que, embora a MB tenha estabelecido mecanismos doutrinários para lidar com esses desafios, a constante evolução dessas ameaças exige uma adaptação contínua. As guerras híbridas, com suas facetas não convencionais, incluindo insurgências, terrorismo, operações cibernéticas, psicológicas, e mais recentemente, a inteligência artificial, exigem que as forças de defesa ampliem seu campo de atuação, indo além do combate tradicional e envolvendo uma variedade de atores e táticas.

Foi observado que classificar o risco à infraestrutura de apoio dos Meios Navais diante dessas ameaças como de baixa criticidade pode ser uma postura arriscada nos dias atuais. A evolução dos métodos híbridos sugere a necessidade de novos estudos e de uma reavaliação da criticidade dessas ameaças.

Diante desse cenário, recomenda-se que a Marinha do Brasil continue a aprimorar suas estratégias de defesa, com um foco especial na proteção da Amazônia Azul. É fundamental que as soluções contra as ameaças híbridas sejam desenvolvidas de forma específica para a realidade brasileira, considerando as

particularidades do ambiente marinho e a importância estratégica do território nacional.

Além disso, a necessidade de estudos contínuos sobre a evolução das guerras híbridas é evidente. A dinâmica geopolítica global e a crescente interdependência entre nações exigem uma vigilância constante e uma adaptação rápida às novas formas de conflito.

Em conclusão, este trabalho conseguiu provocar uma reflexão sobre a importância da Amazônia Azul e a necessidade de uma abordagem geopolítica mais dinâmica e adaptável às novas realidades de guerra. As ameaças híbridas têm o poder de influenciar diversos setores da sociedade, e é imperativo que a Marinha do Brasil esteja preparada para responder a esses desafios de forma eficaz. Este estudo reafirma a importância de priorizar as estratégias de defesa e de continuar explorando o potencial econômico e estratégico da Amazônia Azul.

Por fim, embora este trabalho tenha abordado as principais definições e exemplos relacionados à Guerra Híbrida, reconhece-se que a evolução constante desse tema exige uma pesquisa contínua e uma análise geopolítica aprofundada para identificar e compreender seus impactos no contexto mundial e, em especial, na realidade brasileira.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Alexandre Henrique Batista. **A desinformação como ferramenta da guerra híbrida**. [S.l.: s.n.], 2023. Disponível em: <https://marinha.mil.br>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- BRASIL. Marinha. Estado-Maior da Armada. **EMA-322**: O posicionamento da Marinha do Brasil nos principais assuntos de interesse naval. Brasília, 2017.
- BRASIL. Marinha. Estado-Maior da Armada. **EMA-335**: Doutrina de Operações de Informação. Brasília, 2018a.
- BRASIL. Marinha. Estado-Maior da Armada. **EMA-310**: Estratégia de Defesa Marítima. Brasília, 2018b.
- BRASIL. Marinha. Estado-Maior da Armada. **EMA-301**: Fundamentos doutrinários da Marinha. Brasília, 2023.
- BRASIL. Marinha do Brasil. **Resumo do Relatório Final do Incidente de Poluição por Óleo na Costa Brasileira**. Rio de Janeiro: Diretoria-Geral de Navegação, 2020b.
- CAMPANY, Luiggi. **Ameaças híbridas e a segurança marítima do século XXI**. 2021. [PDF] Marinha do Brasil. Disponível em: [https://marinha.mil.br/023\\_CPEM2021\\_TESEFINAL\\_CMG\\_FN\\_LUIGGI.pdf](https://marinha.mil.br/023_CPEM2021_TESEFINAL_CMG_FN_LUIGGI.pdf). Acesso em: 12 ago. 2024.
- COHEN, Saul. **Geopolitics: The Geography of International Relations**. 3. ed. Lanham: Rowman & Littlefield, 2015. 892 p.
- DEFESANET. Marinha fortalece sistema de gerenciamento da Amazônia Azul. Defesonet, 10 ago. 2023. Disponível em: [https://www.defesonet.com.br/aviacao/marinha-fortalece-sistema-de-gerenciamento-da-amazonia-azul/#google\\_vignette](https://www.defesonet.com.br/aviacao/marinha-fortalece-sistema-de-gerenciamento-da-amazonia-azul/#google_vignette). Acesso em: 12 ago. 2024.
- FERNANDES, H. **As Novas Guerras: O Desafio da Guerra Híbrida**. Revista de Ciências Militares, novembro de 2016 IV (2), pp. 13-40.
- FERNANDES, Hugo. **As novas guerras híbridas: uma análise dos conflitos contemporâneos**. [S.l.]: [s.n.], 2019. Disponível em: [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/36182/1/As%20novas%20guerras%20...%20\(por\)\\_Hugo%20Fernandes.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/36182/1/As%20novas%20guerras%20...%20(por)_Hugo%20Fernandes.pdf). Acesso em: 12 ago. 2024.
- GARRIGA, Gustavo Calero. Rio de Janeiro, Brasil, 26 jul. 2021. Entrevista concedida a Luiggi Company de Oliveira.
- HMD, Equipe. **Israelenses e Palestinos: vítimas de uma guerra híbrida**. História Militar em Debate, 2023. Disponível em:

<https://historiamilitaremdebate.com.br/israelenses-e-palestinos-vitimas-de-uma-guerra-hibrida/>. Acesso em: 07 ago. 2024.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LEIRNER, Piero C. **O Brasil no espectro de uma guerra híbrida**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2020.

LUIGGI, Carlos Magno Gonçalves. **Análise dos componentes de desempenho de um sistema de armas**. 2021. 202 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Sistemas) – Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2021.

MARINHA DO BRASIL. **SISGAAZ: Proteção e Monitoramento das Águas Jurisdicionais Brasileiras**. Disponível em :<https://www.marinha.mil.br/sisgaaz-protECAo-e-monitoramento-das-aguas-jurisdicionais-brasileiras#:~:text=O%20Capit%C3%A3o%20de%20Mar%20e%20Guerra>. Acesso em: 12 ago. 2024.

MARINHA DO BRASIL **Amazônia Azul**. Marinha do Brasil. Disponível em: [https://www.mar.mil.br/hotsites/amazonia\\_azul/index.html#vertentes](https://www.mar.mil.br/hotsites/amazonia_azul/index.html#vertentes). Acesso em: 12 ago. 2024.

OLIVEIRA, José de. **Análise do impacto das operações navais no meio ambiente**. **Clube Naval**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 45-60, jan. 2024. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/clubenaval/article/view/3104>. Acesso em: 12 ago. 2024.

PLANÇO, Leonardo. **Incidente de óleo nas praias do nordeste brasileiro: contribuições da inteligência operacional**. Disponível em: [https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br.egn/files/CEMOS\\_032\\_MONO\\_CC\\_CA\\_PLANÇO\\_0.pdf](https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br.egn/files/CEMOS_032_MONO_CC_CA_PLANÇO_0.pdf). Acesso em: 12 ago. 2024.

PRAGANA, Márcio. Patriota. **Israelenses e Palestinos: vítimas de uma Guerra Híbrida**. 2023 Disponível em: <https://historiamilitaremdebate.com.br/israelenses-e-palestinos-vitimas-de-uma-guerra-hibrida> Acesso em: 11 ago. 2024.

SILVA, João da. **Análise do Impacto das Políticas Públicas na Educação**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação) – Escola Superior de Gestão, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.esg.br/bitstream/123456789/1830/1/CAEPE.55%20TCC%20VF.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

SODRÉ, Lu. **Kuwait 1991: 30 anos da “primeira guerra televisionada”**. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/02/28/kuwait-1991-30-anos-da-primeira-guerra-televisionada>. Acesso em: 11 ago. 2024.

VILELA, Érico Sant’Anna. **Amazônia Azul: a estratégia da Marinha do Brasil para a segurança marítima**. Rio de Janeiro: ESG, 2020.

ZEIDAN, Adam. Abraham Accords. **Encyclopedia Britannica**, 15 jul. 2024.  
Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Abraham-Accords>. Acesso em: 12 ago. 2024.